Tecer uma dramaturgia

CARLINHOS SANTOS

Escolhas são determinantes, avisa o personagem logo no começo da peça. De fato, dão o rumo e a genética de uma obra artística. Em O Fauno, o público é conduzido à sala escura por um fio. Acomoda-se em uma ambientação algo opressora, que tem muitos e muitos fios suspensos. Eles contribuem para a redução do pé direito do espaço cênico. Parte da plateia senta-se muito próximo da figura que lhes contará histórias transpassadas, entrelaçadas.

De cara, percebemos que um dos acertos da montagem é a cenografia de Ana Lia Branchi. Luz, de Juarez Barazetti, e trilha sonora, de Fran Duarte e Tita Sachet, acrescem vitalidade ao trabalho. O figurino assinado por Cristina Lisot também contribui à harmonia das opções: peça única, é fluida, algo escamosa, mas com detalhes feitos em couro, empresta asco e rigidez à figura. Essa harmonia de recursos dá riqueza à montagem, sinalizando um estágio de qualidade da cena teatral caxiense, que obtém isso graças aos profissionais que forjou e que, com frequência,

atuam colaborativamente.

Mas existem mais acertos. O principal deles é a atuação de Márcio Ramos. Há muito o ator sinaliza maturidade na cena caxiense. Destaca-se por aglutinar potencialidades artísticas: escreve, dirige, experimenta a dança. No palco, agigantase. E, agora com essa peça, também fica diminuto, jocoso, caricato, irreverente, dramático, hediondo, sutil, buliçoso. É vigorosa a sua performance na composição desse ser tosco-humano-endiabrado. Figura eloquente, transita por diferentes estágios de composição corporal, tem sutilezas e nuances, ganha o público com o olhar, dialoga e provoca com os múltiplos recursos. O constante desiquilíbrio com que transita no palco, nos faz ver as patas de bode que ali não estão. Então, temos certeza que há muita verdade cênica na composição. E ela é obtida por quem empresta arrebatamento ao que faz.

No entanto, O Fauno nos inquieta e nos faz problematizar mais. Quando anuncia a irreversibilidade das escolhas, o personagem também situa uma dualidade cartesiana de corpo e alma, questão superada por algumas propostas conceituais da contemporaneidade. Merleau-Ponty, por exemplo, afirma que o corpo próprio, humano, uno, é substrato de experiências em si, de produção de informação e arte. Outras abordagens falam de corpo-ambiente, corpomídia, aquele que está em contínua sintonia com seu entorno, trocando com ele o tempo todo, construindo-se nesse moto-contínuo, reverberando arte a partir do que lhe é oferecido pelo contexto. Há um pouco disso na montagem, mas ela ganharia mais riqueza se não se prendesse a alguns fios da tessitura e narrativa cênica tradicional.

Metáforas sobre purgação, dor, visceralidade, riso, prazer, banimento ou redenção poderiam ser compostas mais com os recursos corporais e cênicos do que com alguns excertos textuais - às vezes usados só pelo recurso de provocar o riso. Mas estas são escolhas artísticas do ator e da direção de Ana Fuchs. Nas amarrações destes fios artísticos, na ritualização cênica, existem alusões a mitos e deuses, a comportamentos mundanos e mesquinhos. E há, sobretudo, uma trama dramatúrgica potente.

carlinhos.santos@pioneiro.com

